Cristian Siqueira



O fenômeno Seu Sete da Lira

Cacilda de Assis, a médium que parou o Brasil

LEGIÃO PUBLICAÇÕES

1ª edição / Porto Alegre-RS / 2020



Sumário

Apresentação 13

Prefácio - Sete da Lira e Cacilda de Assis:
exemplos de missão e compromisso 15

A compreensão da sombra 19

1. Ela chegou. Ele chegou! 25

2. Mãe Cacilda 29

3. A caminhada de Cacilda 37

4. Santíssimo, a terra do Sete 49

5. Seu Sete da Lira 57

6. O Maracanã da Fé 67

7. As noites de sábado 83

8. É pra quem tem fé! 113

9. Audara 129

10. As coroas do Rei 137
11. Santo maior 171
12. Seu Sete na TV 181
13. Chegou Seu Sete da Lira 209
14. Consequências 221
15. Desentendimento entre irmãos 243
16. Imprensa marrom 259
17. Fisco na Lira 273
18. Retiro de guarda 285
19. Seu Sete se vai 301
20 A Lira eterna 307
Referências 315



Apresentação

Prezados leitores e leitoras!

Sinto-me imensamente honrado por fazer a apresentação de tão importante e consistente obra literária, que traz grande contribuição histórica para a Umbanda e os cultos afro-brasileiros.

No Brasil, as décadas de 1950, 1960 e 1970 foram palco para grandes fenômenos mediúnicos de cura: Padre Donizetti, em Tambaú (SP); Madalena de Morais, em Itapeva (RJ) – que atuava com o espírito de Zafira e trabalhava com o Padre Donizetti; Isaltina dos Milagres, no Rio de Janeiro; Arigó, em Congonhas do Campo (MG), dentre outros. No entanto, ninguém foi mais famoso do que o Exu Sete Encruzilhadas Rei da Lira, que atuava por intermédio da mediunidade de Mãe Cacilda de Assis, no bairro de Santíssimo, na Rua dos Caquizeiros, Rio de Janeiro. Milhares de pessoas acorriam todos os sábados à Casa de Axé do Exu do Povo.

Sem sombra de dúvida, Seu Sete Encruzilhadas Rei da Lira foi a entidade mais famosa da Umbanda até hoje. Multidões caudalosas de fiéis lotavam o terreiro, movidas pela fé, buscando um lenitivo para seus males, que Seu Sete da Lira curava usando como instrumentos o marafo, o charuto e, principalmente, a música de todos os ritmos, inclusive marchinhas de Carnaval, sempre acompanhado pela sua orquestra. Há milhares de depoimentos de pessoas curadas em Santíssimo.

Era um dos maiores espetáculos de massa da religião de Umbanda. Todos cantavam enquanto o Dr. Saracura ia curando, espargindo seu marafo carreado de ectoplasma. Celebridades participavam da gira: cantores, músicos, jogadores de futebol, políticos, artistas etc. frequentavam a Lira de Seu Sete, que só pedia fé, respeito e compreensão.

Meia-noite era o Pino da Hora Grande, a Hora da Corrente do Amor, hora da meditação da humildade, da compreensão. Era o momento em que Seu Sete saudava todos os presentes, pedindo para que se unissem em gesto fraterno. "Amem-se. Unam-se, pelo menos naquela hora de respeito". Durante muitos anos, esse ritual de fé se repetiu todos os sábados.

Cristian Siqueira recebeu a árdua tarefa de resgatar a memória de Seu Sete e Mãe Cacilda de Assis. Algo que fez com muita sobriedade, competência e honestidade. E qual o diferencial desta obra? Cristian não se deteve apenas a registros dos periódicos da época, ele visitou diversas vezes a família de Mãe Cacilda de Assis, que depositou total confiança em seu trabalho e seu caráter, e teve acesso irrestrito a documentos, fotografias, além dos depoimentos orais. Enfim, foi realmente uma pesquisa primária, como dizemos nos meios acadêmicos. Recebeu de presente, inclusive, alguns objetos utilizados por Seu Sete nas giras de cura, como capas e cartolas que faziam parte da sua indumentária de trabalho. Cristian bebeu diretamente na fonte dos acontecimentos. Assim nasceu este trabalho único e maravilhoso.

Parabéns, queridos leitores e leitoras, vocês estão de posse de uma importante obra, esclarecedora, consistente e honesta para todos os umbandistas e adeptos dos cultos afro-brasileiros. Vamos agora mergulhar neste maravilhoso livro e interpenetrar aspectos ainda desconhecidos dos trabalhos de Seu Sete Encruzilhadas Rei da Lira.

Salve, Seu Sete!

Salve, Mãe Cacilda de Assis!

Salve, Lira Sagrada!

Diamantino Fernandes Trindade (Hanamatan Ramayane)
Ministro religioso da Casa de Cultura Umbanda do Brasil
Sacerdote do Templo Cristão Umbanda do Brasil



Prefácio

Sete da Lira e Cacilda de Assis: exemplos de missão e compromisso

Em observação ao comportamento humano, um dos fatores mais desejados dos tempos modernos é a vontade do êxtase sob vários modos e formas: por intermédio da religião, das diversões, do sensualismo, dos vícios, da música, dos excessos...

Desde muito tempo, esses excessos são justificados como uma busca interior pela liberdade e transcendência, mas, com o tempo, perderam-se os limites da capacidade de dizer não aos abusos, de ter bom senso nas atitudes, de ter coerência nos atos e cuidado nas escolhas e nos caminhos. Nestes tempos de extremismos, estar em êxtase é sair de si e de tudo para se fundir em outra coisa, é querer forçar uma transformação ilusória, como uma tentativa de um salto na transcendência ou no abismo.

Assim, a sabedoria é, a todo momento, invocada e procurada, quer seja por necessidade ou por vergonha. Ela se torna um dos caminhos para encontrar uma cura para a vida sem ação, para o tédio existencial, uma justificativa para se compreender a estadia temporária no mundo com menos dor ou menos dano. Apesar disso, ela também tem seus

excessos e não tem menos necessidade de moderação e cautela do que a loucura. Infelizmente, a sabedoria, embora seja um dos modos de se reconhecer a esperança, num mundo distorcido pela ignorância, quase sempre leva à solidão e ao isolamento.

Quanto à esperança, esta é uma virtude, um caminho que vale a pena insistir. Animadora, ela indica, dentre muitas coisas, que se espera o máximo de tudo, que é Deus. Ou Deus em tudo, como o significado maior da compreensão de todas as coisas, indicando que a paz e a harmonia podem ser atingidas. Por isso, é muito difícil ver Deus em todas as coisas, mas é muito mais difícil ver Deus além das coisas. Falta ao mundo o sentido de transcendência, que coloque os mais altos desejos numa esperança tão inalcançável, tão impossível que, fatalmente, a "compreensão" de Deus um dia virá aos sentidos mais básicos, retirando todos os medos e a esperança que Ele entrega aos que Nele creem, e virá carregada de uma liberdade muito maior do que se pode aquilatar ou imaginar.

O espírito é esse paradoxal não ser, que traduz a capacidade de pensar sobre o verdadeiro, sobre aquilo que é universal, sobre a certeza do encontro com a felicidade e com a realidade. Estar com Deus é estar feliz num mundo de sombras, é estar lúcido e preparado para o que vier. O espírito não é uma substância, mas também não é um nada. A verdade que o espírito traz é a mesma em todas as criaturas. Ele é a liberdade que todos possuem, visto que o espírito livre duvida de si mesmo e tem noção de sua sabedoria: sabe que não sabe, ou sabe pouco e se preocupa ou diverte-se com isso, sempre de duas maneiras: por meio da reflexão ou do riso, pois sempre temos de ser fiéis a nós mesmos sem nos crermos. Essa noção de espírito ensinada por nós, guardiões, é o que tentamos passar aos homens para superarem o fanatismo e a vaidade. Onde há o espírito de Cristo, aí há a liberdade. E há alegria.

A palavra "espírito" vem do latim "spiritus", que os gregos podiam traduzir por "psyché" (nas duas línguas, o significado faz referência ao sopro vital, à respiração). Isso significa que a fronteira entre o espiritual e o psíquico é aberta, possui um trânsito livre. O amor pertence a ambos; a religião pertence a ambos. Assim, a fé é um objeto psíquico como outro qualquer, mas também é uma experiência espiritual, enquanto

que por psiquismo se entende o conjunto no qual a espiritualidade seria o ápice.

Na prática, a espiritualidade, sendo a parte superior da alma e do psiquismo, nos leva a tentar compreender a Deus ou o absoluto, assim como nos leva ao infinito ou ao todo, ao sentido ou à ausência, ao tempo ou à eternidade, à prece ou meditação, ao mistério ou misticismo, à salvação ou contemplação. Os espíritos guardiões atuam nesses limites, nessa porosidade entre psiquismo e espírito, lidando com todas as ilusões que a alma cria dentro da sombra da mente, lidando com os excessos citados e retirando aos poucos as barreiras e os bloqueios para que os necessitados de nossa ajuda enxerguem mais e melhor, além da capa, além da cachaça, além da cor vermelha da ira, além da cor negra da escuridão, além do bem e além do mal. Além de qualquer julgamento. Todos os sentidos e todas as percepções são bem-vindos no terreno da fé.

O que ditamos acima é apenas parte do que é realizado nos bastidores de nossa batalha por um mundo mais digno, limpo e que possa deixar boa memória. Nosso companheiro, que se identificou aos homens como Sete Encruzilhadas Rei da Lira, realizou o trabalho que todo Guardião de luz se dedica em suas horas de descanso quando vem até o plano mais denso e se reveste das mais estranhas ilusões e conceitos para se achegar mais perto daqueles que pretende ajudar. Sete da Lira mostrou o êxtase do transe mediúnico, trouxe esperança para milhares, falou de Deus, ensinou, acalmou, apascentou, deu direção, caminho, curou. E na compreensão dos excessos de tantas e tantas almas, por meio da felicidade, mostrou a fé e a religiosidade positiva onde poucos poderiam ver: na bebida, na dança, na música, na festa profana, na multidão massacrada pela pobreza e doença, que recebeu a atenção de um espírito que, assim como tantos outros falangeiros, irmãos de tarefa, são criticados, malcompreendidos, malfalados e mistificados pelos que têm má intenção e nenhuma relação com a verdade do que entendem como "exus".

Sete da Lira trouxe a caridade de Cristo à Terra, o que todo terreiro de Umbanda que visa à mediunidade verdadeira como caminho tem a obrigação de fazer. Muitos foram tratados por Sete da Lira, e sua dedicação a tantos o libertou de seu ciclo inicial de purificações nos

planos que lhe eram afins. Por isso, não haverá mais outro Sete Encruzilhadas Rei da Lira em nenhum outro médium.

Sete da Lira é um de nossos grandes amigos. E nós, "compadres", somos amigos também de quem trabalha conosco. Entendemos a amizade como a alegria do amor. Ela transforma toda carência e toda paixão. Não há amor feliz enquanto for carência, nem amor sereno enquanto for paixão. Amizade não é o amor que toma, nem somente o amor que dá, é o amor que se compartilha. Sete da Lira e sua médium, Cacilda de Assis, fizeram sua tarefa como poucos ousaram e conseguiram fazer. Compartilharam o amor e a amizade verdadeiros para os que mais necessitavam. A eles o respeito de toda nossa falange e de nosso pequeno espírito admirado. A verdadeira espiritualidade foi ensinada por eles de uma forma poucas vezes vista no mundo. Vale a pena relembrar essa história vitoriosa neste livro, que outro médium, o Karaiman, cavalo do Marabô, escreveu como missão e tarefa.

Missão mediúnica é trabalho árduo e contínuo, mas é, antes de tudo, responsabilidade. E assim, deixando agora os canais deste "cavalo" que agora utilizo, desejo a todos que lerem estas linhas muita luz e realização em seus caminhos e que cada um contribua com o que tiver na alma, não com tristeza ou por necessidade, mas com alegria. Que habite Deus em seus corações, pela fé, esperança e caridade, cujo alicerce é o amor de Cristo, que excede todo entendimento e compreensão.

Fé, justiça e amizade para todos.

Guardião Sete Porteiras
Psicografado por mestre Obashanan em 28/08/2018
Mestre Obashanan é escritor, musicista, jornalista, produtor, etnomusicólogo e dirigente do Templo da Estrela Verde (SP)



A compreensão da sombra

Os espíritos guardiões são ainda, como os outros mentores que se manifestam nas religiões brasileiras, seres malcompreendidos e reinventados segundo a compreensão, o alcance, a fé e a conveniência da maior parte daqueles que se ligam a essa forma de se comunicar com um mundo tão próximo, tão necessário e, ao mesmo tempo, tão distante dos vários modos comportamentais dos seres humanos.

Estar em contato com eles é, acima de tudo, um mérito poucas vezes pensado e aquilatado. Ter a mente equilibrada para lidar como mediador de um mundo ético na relação direta com um mundo moral em declínio, por vezes, tira da razão e do caminho muitos que durante um longo tempo procuram se dedicar à espiritualidade da melhor forma possível. Lidar com as questões dos espíritos guardiões não é tarefa fácil, não é algo que se deva levar como corriqueiro e, menos ainda, como diversão, mesmo que esses enviados do astral superior tratem os encarnados como amigos próximos e tenham com eles diálogos, posturas e atitudes pouco ortodoxas.

Esse lado da moeda abrange a visão da sombra como algo necessário a uma compreensão do momento em que aquelas pessoas vivem.

Há aqueles que entendem a espiritualidade apenas dentro de sua própria órbita e não é ainda possível tirar-lhes de sua compreensão para uma nova identidade sem antes dar-lhes o mínimo de comodidade e confiança em seu próprio ambiente. Os chamados Exus na Umbanda são esses expoentes de uma capacidade única de extraírem o melhor do pior, de darem esperança onde a luz, por merecimento dos que habitam as trevas, não tem como chegar, mas enviam seres que a ocultam e mostram apenas uma tênue luminosidade que não machuca, não afasta, mas, antes, atrai, guia e aquece os que estão perdidos sem visão e sem noção de espaço. Em razão disso, usam os elementos mais próximos daqueles que buscam socorrer: as atividades do instinto, das vaidades, dos vícios, das alegrias, das vontades e das ilusões. São a concretização das verdades do deus Dioniso, o deus dos ciclos vitais, das festas, da bebida, das insanidades.

Os Exus são aqueles agentes mercuriais que ligam o que há de mais baixo com o que há de mais alto, são o sinal mais exato de uma esperança que desce até a habitação dos desesperados e os resgata. Assim como Dioniso, são os protetores dos que não pertencem à sociedade convencional. Lidam com o caos, com o que é perigoso, com o que é inesperado e sem razão. Os que beiram a loucura têm sua atenção.

Uma tradição se faz contínua com a compreensão do passado e um futuro claro, por onde vislumbramos, sem qualquer dúvida, os caminhos que se descortinam quando olhamos para um símbolo, quando ouvimos uma palavra, quando entendemos que a vida prossegue melhor para quem procura uma casa espiritual.

Mãe Cacilda de Assis foi indubitavelmente uma das maiores médiuns de Umbanda em todos os tempos, pois são inquestionáveis suas impressionantes giras com o Exu Sete da Lira, que marcou época e mostrou o poder que têm as religiões afro-brasileiras. Sem dúvida, o mundo espiritual não muda os panoramas dos encarnados porque não quer, pois tem outros planos, outras visões e outros caminhos. Bastaram duas aparições em programas de televisão de uma entidade tão polêmica como um Exu para movimentar todo o país. Esse foi o motivo maior de sua glória e também de seu sacrifício.

O Rei da Lira se apresentava como Exu, muito embora suas características originais o liguem também ao mundo da encantaria, onde é conhecido como Sete Rei da Lira, José das Sete Liras ou o Rei das Sete Liras. Poucos conhecem as lendas dessa entidade enquanto encantado, que começa na Idade Média e vai até sua reencarnação no século XIX. Na Espanha Medieval, havia um casal: Caio e Zelinda. Caio era um descendente de gregos que tocava e fabricava instrumentos musicais, especialmente liras; Zelinda era uma bela negra africana que, escondida dos poderosos da época, fazia rituais mágicos.

Tanto a lenda do encantado como a forma de apresentação do Exu Sete da Lira são traduções inconscientes das figuras alquímicas[1] que existem no imaginário do planeta, sustentadas por anos a fio de ritos, crenças e fé dos seres humanos, que se utilizando da força dessa egrégora produzem e mantêm acesa as histórias que permeiam as religiões do mundo. Essa força vem desde a pré-história e pode ser vista como expressões variadas de arquétipos antigos cuja imagem mental se pronuncia e se recria de tempos em tempos, acobertando uma verdade quase inacessível que só é revelada pelo esforço de poucos que se dedicam a entrar no mundo dos símbolos e das expressões ocultas comparadas.

Voltando à história de Caio e Zelinda, estes tiveram um filho chamado José, que era muito inteligente e tocava instrumentos como ninguém. O garoto herdou do pai o gosto para tocar e fabricar liras, das quais construía 7 diferentes modelos. Da mãe herdou os poderes paranormais: curava pessoas doentes, movia objetos com o olhar, tinha sonhos premonitórios, via a aura das pessoas etc. Na adolescência, conta a lenda que o garoto passou a incorporar espíritos enquanto tocava, e uma dessas almas seria a do bíblico Rei Davi. Por fazer muito sucesso com as mulheres, um marido ciumento entregou-o para os representantes da Igreja, acusando José das Sete Liras de bruxaria. Assim, foi queimado na fogueira pela Inquisição.

A fama do Exu Sete Rei da Lira que baixava em Mãe Cacilda começou a crescer rapidamente devido às características inusitadas de suas

1 Sobre o mistério das formas de apresentação das entidades de Umbanda e a representação alquímica de seus símbolos, veja o *Magistério solar*, de Mestre Obashanan.

giras: músicas de todos os tipos podiam ser cantadas e tocadas, além da impressionante ingestão de litros e litros de "marafo" e da roupa ritualística bordada em veludo preto, combinada com botas, capas e cartola. Quem presenciou a manifestação desse espírito se impressionou com o magnetismo e com a capacidade de movimentação das pessoas que acorriam ao seu templo, em Santíssimo, um bairro do Rio de Janeiro. As notícias se davam boca a boca. Os casos de cura de doenças gravíssimas, por exemplo, se espalharam rapidamente, e a gira de Seu Sete chegou à marca impressionante de mais de cinco mil pessoas por rito.

Mãe Cacilda era compositora e escritora e tinha um programa na Rádio Metropolitana de Inhaúma. Para se ter uma ideia da fama de Seu Sete, artistas como Tim Maia, Freddie Mercury e o grupo Kiss estiveram por lá, até que um dia o apresentador Flávio Cavalcanti convidou o Exu a baixar em rede nacional. Ao contrário do que se esperava, Seu Sete concordou, e foi aí que o "dendê ferveu"!

Eu me lembro bem do fato, pois todo mundo comentou: foi em 1971, eu tinha 5 anos e me é inesquecível o sotaque de uma portuguesa da vila em que eu morava, no bairro do bexiga, em Sampa, agressiva e transtornada, ao comentar: "Um absurdo, como deixaram um demônio daqueles baixar no programa do Chacrinha? Viram o que ele fez?" A revolta da mulher, católica radical (ainda não existiam os neopentecostais, que mais tarde se aproveitariam do mesmo tipo de discurso), era acompanhada de uma credulidade não assumida: "Tudo bem, o santo baixou em todo mundo, isso realmente é difícil de explicar, mas..."

Incorporada pelo Exu Seu Sete Rei da Lira, Cacilda havia transformado os programas de Chacrinha e de Flávio Cavalcanti num verdadeiro ritual de Quimbanda, daqueles mais bravos. Não se questiona aqui a veracidade da presença do Exu naqueles momentos, ou se é válido esse tipo de exposição ou de manifestação em público, mas há a verdade inquestionável de que algum poder realmente tomou conta das pessoas naqueles programas, pois plateia, cantores, assistentes de câmera, seguranças, contrarregras e outros entraram em transe, desmaiaram ou foram "mediunizados" por Exus e outras entidades.

Inabalável, Seu Sete da Lira, após "tocar a macumba" no programa de Flávio Cavalcanti, sem desincorporar, saiu de carro dos estúdios

da TV Tupi acompanhado por seus cambonos e foi até os estúdios da Rede Globo, no programa do Chacrinha. Nem bem entrou no palco, o mesmo fenômeno aconteceu: chacretes, músicos, diretores e outros entraram em transe.

O próprio Chacrinha, o rei da caricatura e da esbórnia, ficou sem ação, conforme o relato do professor universitário Paulo Duarte:

> *"[...] me causou espanto, assistir, há dias àquele espetáculo de 'Seu Sete', apresentado como se fosse um retrato do Brasil: uma 'mandingueira' de cartola e charuto, espargindo cachaça pela multidão em transe, como um sacerdote o faz com água benta. Um adolescente entrou para colaborar, quando foi 'tomado' diante da Mãe de Santo. Esta, que já bebera em público largos goles de pinga, esborrifou-lhe o rosto com um pouco da bebida, aos efeitos mágicos da qual o moleque voltou à razão em meio ao alvoroço da multidão, sob o patrocínio de um Chacrinha mais inconsciente que legítimo."*

Na Censura Federal, centenas de telefonemas de protestos e de narrativas de pessoas que haviam entrado em transe em suas casas entupiram as centrais telefônicas; a Igreja Católica, constrangida, reuniu sua cúria para debater o problema; e a concessão das duas emissoras de TV quase foram suspensas pelo governo, alegando a defesa da "moralidade" e dos "bons costumes".

Na verdade, o que podemos concluir é que a Umbanda e as religiões afro-brasileiras fazem parte de uma parcela do imaginário brasileiro – principalmente a Quimbanda. Se forem colocadas à mostra em sua totalidade, podem gerar efeitos inesperados no senso comum e no padrão das classes sociais e religiosas acomodadas, pois raramente se viu na história da cultura brasileira a religiosidade das classes subalternas manifestar-se de modo tão espontâneo e incontrolável e em escala nacional como foi feito pelo Sr. Exu da Lira, e só por ele, sozinho!

Pela primeira vez na história do país, cujo Estado e cujas classes dirigentes desfiam ao longo dos tempos uma compreensão e narrativa eurocêntricas sobre si mesmos, a sociedade brasileira se viu obrigada e se olhar no espelho tão profundamente que não aguentou se ver tão

frágil e desnuda diante dos efeitos do trabalho de um Exu Guardião. As reações subsequentes revelaram ainda posicionamentos elitistas arraigados nas velhas estruturas de dominação e da luta de classes no plano das representações simbólicas. Entre o próprio povo do santo a coisa se dividiu: em conversa com nosso querido amigo pai Pedro Miranda, ele nos relatou que certas "cúpulas" umbandistas da época recusaram-se a entender o fenômeno "da Lira" e também tentaram abafar o caso.

Sem querer polemizar, mas sem medo de errar, Mãe Cacilda talvez tenha sido a maior médium que passou pelas religiões afro-brasileiras, seguida por outros baluartes, como Zélio Fernandino de Moraes, Domingos dos Santos, João Carneiro de Almeida, José Álvares Pessoa, Manoel Nogueira Aranha, João de Freitas, Cavalcanti Bandeira, Cícero Bernardino de Melo, Narciso Cavalcanti, Félix Nascente Pinto, Jerônimo de Souza, Henrique Landi Júnior, Matta e Silva, Tancredo da Silva Pinto, Áttila Nunes (pai), Omolubá, Joãozinho da Gomeia, Flavio da Guiné, dentre outros, mas nenhum deles com tamanho poder mediúnico de cura, amor ao próximo e, claro, polêmica. Só poderia ser Exu mesmo...

Perseguida, Mãe Cacilda se isolou, mas não foi abandonada por Seu Sete. Trabalhou até o fim de seus dias, conforme verá o leitor ao adentrar neste incrível livro, brilhantemente escrito por nosso filho, o mestre Karaiman, que honra com postura, ética, trabalho e respeito sua iniciação. Honra a nossa Casa, seu Clã e nossa Tradição. Permita-me desejar-lhe vida longa e iluminada.

E assim, vamos respeitosamente adentrar nos bastidores da Quimbanda do Brasil...

Ao Sr. Sete Rei da Lira: Mojubá, Exu!

Obashanan
Grão-mestre de iniciação do Templo da Estrela Verde,
a casa do Caboclo Aymoré



1

Ela chegou. Ele chegou!

"Ele também veio de longe
veio trazer um aperto de mão
Seu Sete é meu amigo e é dono do meu coração
Seja de dia ou ao amanhecer, bebo com ele e bebo com prazer
Em cada gole ele está trabalhando,
me ajudando a lutar e vencer"
(*A lutar* – Aloisio Pimentel, 13/06/1958).

Uma multidão agitada se formava em frente à sede da TV Tupi, no Rio de Janeiro, no imponente prédio da emissora, que ficava à beira da praia da Urca. As pessoas se apertavam, gritavam, mostravam fotos, objetos, enquanto o motorista tentava posicionar o veículo de forma segura para que Cacilda de Assis não fosse sufocada pela multidão, que estava ansiosa por ver tanto ela como a entidade que recebia, a qual atendia, curava e aliviava as dores do povo. Afinal, tratava-se de uma ocasião inédita na mídia brasileira: era a primeira vez que uma

entidade representativa da Umbanda chegava à tamanha exposição pública.

Sucesso de audiência, o polêmico programa do apresentador Flávio Cavalcanti receberia naquela tarde de 29 de agosto de 1971 a Mãe de Santo Cacilda de Assis, uma das médiuns mais cultuadas da história da religião brasileira graças ao Exu que lhe assistia: o Exu Sete Encruzilhadas Rei da Lira. Aos 13 anos de idade, Cacilda recebeu pela primeira vez o Seu Sete Rei da Lira, o qual foi assentado em 13 de junho de 1938, aos 15 anos, quando Cacilda recebeu sua iniciação de seu Pai espiritual, Benedito Galdino do Congo, em Coroa Grande, Itaguaí, região litorânea do Rio de Janeiro. Desde então, em seu terreiro, primeiro numa pequena tenda, em Cascadura, seguido por outra Tenda em Cavalcanti e, por fim, no bairro do Santíssimo, Zona Oeste carioca, recebia milhares de pessoas, que procuravam a casa em busca de solução para seus males do corpo e da alma, os quais eram sanados pela música, o charuto e o marafo curativos de Seu Sete Rei da Lira, tornando-se a entidade mais famosa da Umbanda no país.

Dentro do estúdio da Tupi, o programa havia começado. Transmitido ao vivo, a todo o momento sob um fundo musical de suspense para criar expectativa, Flávio Cavalcanti anunciava a presença de Seu Sete no programa daquele dia. Ele estava prestes a entrar. A plateia e os espectadores ansiavam por sua chegada. Lá fora, o convidado especial chegava ao prédio da emissora. Uma carreata de carros particulares acompanhava-o, formada por fiéis e admiradores no decorrer da viagem do sítio em Santíssimo até a sede da emissora na Urca, o que lhes causara grande surpresa à medida que iam se reunindo.

Ao se aproximarem da sede da TV Tupi, outro grande susto: além dos fiéis, que acompanharam a carreata que seguia Seu Sete, quando chegaram ao destino depararam-se com uma imensa massa de pessoas, que aguardavam a chegada de Seu Sete. Aquela multidão era formada por pessoas das mais diversas procedências e que enfrentavam os mais diversos tipos de problemas. Eram pessoas que,

por motivos diversos, não conseguiriam se deslocar até o Centro de Santíssimo e viram naquela ocasião a oportunidade que tanto desejavam para conhecer o famoso Guardião Curador.

A própria Cacilda havia hesitado em ir ao programa. Aquele dia sentiu-se muito ansiosa, pois sabia, mesmo que a seu contragosto, do compromisso de Seu Sete na TV horas mais tarde. Como de costume, havia acontecido o trabalho do sábado que, entre uma mesa e outra, atravessou o nascer do domingo. De fato, a presença de Seu Sete na TV só fora confirmada no momento em que ele se preparou para tal, pois, até então, havia incerteza dentro do Centro. A própria Mãe Cacilda não desejava nem apoiava tal aparição. Mesmo com tudo acertado e combinado com a produção tanto do "Programa Flávio Cavalcanti", na Tupi, quanto do programa "A Hora da Buzina", na TV Globo, também marcado para aquele dia, a sacerdotisa passara aquela semana inteira anterior afirmando que não via com bons olhos a situação. Aos mais próximos, ela afirmava:

– Não quero ir, não me obriguem a fazer algo que não quero.

Percebendo que sua médium não manifestava grande ânimo para dar passividade ao fato, o "homem" resolveu vir por conta própria. Em horário aproximado ao combinado com as produções, Seu Sete apoderou-se de Mãe Cacilda. Ao chegar, reafirmou o motivo daquela manifestação diferente, mas necessária.

Em sua sabedoria de tantas vidas já vividas, Seu Sete Encruzilhadas Rei da Lira sabia que aquela era uma oportunidade de levar a um público maior a Umbanda e sua mensagem. Tudo o que Mãe Cacilda construíra desde a infância, quando iniciou os trabalhos na pequena Tenda, posteriormente se mudando para um lugar maior e com mais estrutura para receber quem os procurava, o Sítio Santo Antônio, o "Maracanã da Fé" como foi apelidado o local por ser o maior templo de culto umbandista construído até hoje, passava em sua mente como num filme: as curas, as vivências, a devoção, as experiências que a religião havia acumulado até ali. Tantas noites de sábado, tantas Horas Grandes, tantas canções entoadas, tantos

desfiles de Carnaval, tantos necessitados recebidos e atendidos, não raro, milhares em uma única noite. Era hora de evidenciar tudo aquilo vivido, toda aquela caminhada.

Já manifestado, Seu Sete disse ali, prestes a entrar no palco diante das câmeras para ser visto por milhões de espectadores:

– Eu vou! Eu vou por que sou mensageiro do amor e irei mandar minha mensagem. Depois vemos o que vai dar...



2

Mãe Cacilda

"Eparrei, Eparrei, bela Oiá
É um tesouro a coroa de nossa Babá
Ela me tirou da escuridão
Feliz daquele em que ela põe a mão
Terá caminho, saúde e prosperidade
Filha de Iansã
Deus lhe dê muitas felicidades
Oyà, Oyà, Oyà êêê, lá em Santíssimo tem, vem ver
Deus lhe faça feliz, linda Babá
Mãe Cacilda de Assis..."

(*Linda Babá* – Claudio Paraíba e Luzia de Assis).

Cidinha

O Brasil é um país tecido na religiosidade. É assim desde seu primórdio, com as tribos nativas, os escravos africanos ou os europeus colonizadores: todos embasados em seus próprios credos. A

nação brasileira sempre guardou consigo uma fé do tamanho de suas dimensões continentais. Os símbolos dessa religiosidade, portanto, não poderiam se originar que não do próprio povo. São inúmeros os exemplos ao longo da história, de Padre Cícero a Irmã Dulce, de Madre Paulina a Chico Xavier, personagens cujas trajetórias são bem conhecidas da sociedade – ou nem tanto. Uma dessas personalidades emergidas do coração popular é Mãe Cacilda. Símbolo da popularização de uma das religiões mais celebradas e democráticas do Brasil, a Umbanda, ela é um desses ícones nacionais cuja história merece ser contada.

Cacilda de Assis de Souza foi a segunda dos oito filhos dos fazendeiros Nicolau Antonio de Souza e Maria Luiza Assis de Souza, que residiam no município de Valença, localizado a 160 quilômetros da capital fluminense, no Rio de Janeiro. Ela nasceu no dia 14 de março de 1919 na mesma Valença, cidade encravada na mata da região do Vale do Paraíba do Sul, tomada pelos portugueses no final do século XVIII e habitada por sábios e intrépidos índios no passado.

De família católica, Cidinha, como era chamada, frequentava desde criança a missa aos domingos juntamente com seus pais. Sr. Nicolau nutria ferrenha devoção ao santo junino São João e para ele celebrava a festa anual com muita fartura: banda musical, dança da quadrilha, entre outros costumes e tradições. A cidade de Valença, no entanto, sempre teve forte influência da cultura africana, abrigando uma grande comunidade quilombola, que preservava e mantinha as tradições trazidas de Angola, como as origens africanas da Umbanda (originárias de Lunda), o jongo, o calango, o terço de São Gonçalo, a medicina natural, as rezas e benzeduras, a agricultura familiar, entre outras.

A pequena Cidinha vivia uma infância típica de criança do interior, correndo nas ruas com outras crianças, brincando com suas bonecas, até que, aos 5 anos de idade, coisas estranhas começaram a lhe acontecer. De repente, para espanto de todos os seus familiares, a menina começou a pedir que lhe dessem um cachimbo. Sua mãe,

Dona Maria Luiza, achava a atitude da filha natural, pois considerava normal que crianças como ela tentassem imitar os mais velhos. Apesar desse entendimento, ficava chateada e prometia uma boa surra caso a menina continuasse com aquilo.

As constantes ameaças não intimidaram Cidinha, que acabou por fazer com suas próprias mãos um cachimbo de mamona. Com ele, brincava na mata da fazenda de Valença. O cachimbo se tornou um amigo inseparável da menina, mas logo seus desejos infantis passaram a se tornar ainda mais estranhos para uma criança: agora, era cachaça seu objeto de desejo. Agitada, passou a pedir aguardente aos pais, tios e até aos vizinhos. Sua mãe, irritada, deu-lhe uma sentença final exagerada na tentativa de acabar de vez com aquela ideia absurda:

– Se quer beber, que beba álcool, então!

Cidinha não pestanejou. Encontrou na dispensa da casa 1 litro de álcool e, acreditando nas palavras da mãe, ingeriu boa parte do líquido. Surpreendentemente, aquilo, ao invés de causar mal-estar, pareceu ter acalmado a ansiedade da menina.

A atitude da filha assustou Dona Maria Luiza, que começou a prestar mais atenção nos comportamentos da criança. Religiosa, temia que aqueles desejos fossem inspirações demoníacas sobre Cidinha. Coisa do "encardido", do "chifrudo". Algo tinha de ser feito para livrar a filha daquele mal. Em razão disso, uma das tias de Cacilda resolveu fazer uma promessa. Era comum que as promessas fossem "pagas" pelos próprios necessitados, e a da tia era que a menina não cortasse mais os cabelos e passasse a vestir apenas roupas em tons de azul e branco ou rosa e branco como oferenda à Nossa Senhora da Conceição, para que a santa a salvasse da "perturbação maligna". Assim, Cidinha passou a vestir apenas roupas dessas cores.

Tudo corria bem até o dia do aniversário de 7 anos de Cidinha, naquele 14 de março de 1926. Uma festinha foi organizada por seus familiares com direito a bolo, salgadinhos, refrescos, doces e tudo que era de costume na época oferecer às crianças em suas festividades

natalícias. Cidinha estava feliz: sorria, brincava, corria e conversava. O tradicional "parabéns" foi cantado pelos pais, tios, primos e vizinhos com muita alegria. Cidinha apagou as velas, cortou o bolo e voltou a brincar.

Inesperadamente, ela caiu ao chão. Seu corpo ficara totalmente enrijecido sem motivo algum aparente. Os familiares, preocupados, prontamente pegaram-na e a colocaram sobre uma cama. Chamaram um médico local, que logo se apresentou e avaliou seu estado. Cidinha tinha o corpo frio e rijo, com aparência de morta, não fosse a constatação de que seu coração ainda pulsava. O médico, entretanto, não fazia a mínima ideia do que havia acontecido com a aniversariante. Seus familiares, menos ainda.

Minutos se passaram, horas, dias, e nada de Cidinha acordar. O quadro permanecia o mesmo para desespero de sua mãe e de seus familiares, que não cansavam de fazer novenas, terços e rezas para que Cidinha voltasse logo de seu sono inexplicável. Um dia, um dos tios maternos da menina, João, caminhando pelas estreitas ruas de Valença, foi abordado por uma moça que lhe disse haver notado em seus olhos muita preocupação e tristeza e gostaria de saber se podia ajudar. Tio João lhe contou o que estava acontecendo com a sobrinha e o quanto a família estava abalada com o acontecimento. A moça escutou em silêncio a queixa e disse:

– Às vezes, ela não volta a si por falta de reza. Minha mãe é rezadeira, e não custaria de ir até a casa da menina e rezar com ela.

Tio João viu na desconhecida um sinal de esperança e correu a seu genro Nicolau para dar a possível boa-nova sobre a situação de Cacilda. Nicolau, desejoso de ter a filha de volta, autorizou a ida da rezadeira desconhecida à sua residência. Arrastando as chinelas, foi então que aquela senhora "negra e gorda" – as únicas características que ficaram gravadas na memória da pequena Cacilda para o resto da vida – acabou indo até a fazenda da família. Um copo de água e alguns cantos desconhecidos foram o suficiente para que a rezadeira desse seu diagnóstico sobre o caso:

– É um encanto do santo...

Em seguida, a rezadeira aproximou-se do ouvido da criança, balbuciou algumas palavras e ao final ordenou:

– Levanta!

A menina abriu os olhos, sentou na cama e, como se nada tivesse acontecido, perguntou:

– E a festa?

Para Cidinha, a impressão era de que nada tinha acontecido, e aquele "descanso", que havia durado dias, pareceu-lhe apenas um mero segundo durante sua festa de aniversário.

Aquele fato mudou definitivamente a vida da ainda criança Cacilda de Assis. A rezadeira sentenciou que ela estava sendo "possuída" por um ser espiritual e recomendou que seus pais a levassem a um centro espírita. A família, muito católica, relutava em seguir os conselhos da velha rezadeira, mesmo notando uma mudança drástica no comportamento da filha, que se alterava com frequência dentro de casa. Outro fato: bastava saber de alguém doente para que Cidinha desse o diagnóstico da doença, bem como sua solução, sem nem mesmo ter visto o enfermo.

Às vezes, ela se voltava para o pai e, entre risadas, o cumprimentava:

– Oi, Nicolau, tudo bem?

Assustado, o pai questionava o que estava se passando, e a filha lhe respondia como se fosse um adulto igual a ele:

– Calma, Nicolau; tudo ficará bem.

Depois de relutar, Sr. Nicolau aceitou, enfim, o conselho da rezadeira e levou Cidinha a um centro espírita. Entre uma risada e outra, manifestou-se nela um espírito até então desconhecido dentro da família Assis, uma entidade que mais tarde marcaria a vida de Cacilda com letras de ouro para sempre. Alguém perguntou seu nome e ele com firmeza respondeu:

– Exu Sete Encruzilhadas.

A iniciação na Umbanda

Os anos se passaram, e cada vez mais ficava evidente a Cacilda de Assis a necessidade de seguir trabalhando sua mediunidade. Após o devido tempo de preparo, chegou, enfim, o momento de ela ser iniciada na Umbanda. Em 13 de junho de 1934, o Pai Espiritual Benedito Galdino do Congo, vulgo Tio Moisés, filho do Orixá Ogum, fez o assentamento do Exu Sete Encruzilhadas de Cacilda de Assis na Mina de Santé, na região litorânea da cidade carioca de Itaguaí. A partir de então, com 15 anos de idade, a jovem passou a trabalhar mediunizada com o Exu em atendimentos públicos. Além do Exu Sete Encruzilhadas, manifestavam-se também em Cacilda a sua "chefe de cabeça", a conhecida Cabocla Jurema, e a Preta Velha Vovó Cambinda, que eram as responsáveis pela doutrinação do Exu.

Cacilda, filha de Iansã Inhatopé e Xangô Aganju, fazia jus à sua ainda curta, mas promissora caminhada. Ela se esforçava ao máximo para cumprir os compromissos como filha de santo de Tio Moisés e estudante, filha de Dona Maria Luiza e Sr. Nicolau. Decidida e destemida, desde cedo mostrava ter um temperamento marcante. Em certa ocasião, quando adulta, uma de suas filhas, ainda criança, chegou em casa reclamando de ter apanhado de um colega em uma daquelas brincadeiras de criança. Em defesa da filha, Cacilda saiu à procura do "surrador" e, ao encontrá-lo, fez com ele o mesmo que fizera com sua filha. Aos prantos, o menino repetiu o ato da menina: foi para casa reclamar para a mãe, que, por sua vez, foi em busca de Cacilda questioná-la sobre o acontecido. Ao encontrar Cacilda, a mãe do menino surrador não só travou seu ímpeto como, espantada, percebeu que podia sobrar também para ela:

– Não mexa com meus filhos! Só devolvi a ele o que fez com ela. Mas se quiser, consigo dar o mesmo a você também!

Essa garra, seriedade e determinação fizeram com que Cacilda desde cedo conquistasse lugar de destaque dentro de sua família espiritual e ganhasse o merecido respeito dos seus irmãos de santo.

Do mais novo ao mais velho, eles se admiravam ao ver a jovem, que tão bem era "tomada" pelos seus guias para trabalhar.

Sua mãe, porém, via tudo com certa cautela. De religiosidade firme e rígida, mesmo depois dos acontecimentos que se passaram com Cidinha nos últimos anos, Dona Maria Luiza mantinha suas convicções católicas, que se tornaram ainda mais inabaláveis com o passar dos anos. Essa postura reservada, porém tolerante, não mudaria com o tempo e, mais tarde, quando Cidinha passou a ser conhecida em todo território brasileiro, Dona Maria Luiza continuaria com a mesma reserva, indo visitar sua filha e netos frequentemente sem, no entanto, se envolver com as coisas da religião da filha.

A caminhada de Cacilda ao lado de Tio Moisés foi marcada por momentos de grandes aprendizagens e conhecimentos. Tudo o que a jovem Cacilda aprendeu naquela fase de vida nunca mais seria esquecido por ela. No entanto, tudo possui um fim, e a encarnação de Tio Moisés também findou. Em certa ocasião, Tio Moisés anunciou aos seus filhos e filhas que chegara o momento de sua despedida da carne. Ele sabia a data e o horário em que ocorreria seu desprendimento, sendo assim, tomou o cuidado de pessoalmente fazer suas obrigações religiosas finais. Mandou que cada um dos seus filhos levasse uma série de materiais para sua última obrigação. Cacilda ficara aguardando a sua vez de receber a lista. Quando chegou o seu momento, Tio Moisés lhe falou:

– Você, Cacilda, vai trazer apenas uma cesta bem grande para levar tudo que lhe deixarei de lembranças. Outra coisa, Cacilda, você não pode assistir à minha morte.

Tio Moisés era um líder espiritual bondoso, mas disciplinador, por isso não permitia que seus filhos descumprissem suas ordens. Mesmo ciente disso, Cacilda o questionou, pois a vontade de estar ao lado do seu Pai naquela hora era maior que tudo. Seus argumentos não foram ouvidos, e Tio Moisés reforçou a ordem: não queria que Cacilda presenciasse a sua passagem. Estava decidido. Num ímpeto

de coragem e rebeldia, reforçadas pela dor de estar perdendo seu pai espiritual, amigo e protetor, Cacilda declarou:

– O senhor já me disse o dia e a hora e eu virei na véspera e estarei aqui para assistir à sua passagem.

Chegou, enfim, a véspera do dia por ele marcado. Quando Cacilda se preparava para sair, disposta a contrariar a ordem dada por Tio Moisés, foi tomada pela energia da Preta Velha Vovó Cambinda, que nela incorporou e permaneceu sentada no "toco" das 18 horas às 8 horas da manhã do dia seguinte. Após a desincorporação, Cacilda pediu as horas aos que estavam próximos e, percebendo que estava atrasada, se arrumou às pressas para se dirigir ao terreiro de Tio Moisés. Em vão. Ao chegar lá, seu pai espiritual havia desencarnado, conforme ele mesmo previra. A Velha Cambinda havia impedido aquele que seria o primeiro e único ato de desobediência de Cacilda para com Tio Moisés. Nada suficiente para quebrar a ligação espiritual dele com sua filha escolhida. Pai Benedito do Congo tinha um carinho especial pela sua pequena Cacilda e, em diversas ocasiões, afirmou a ela que seu futuro seria grandioso:

– Você terá uma grande missão dentro do Santo, e essa missão também terá muitos espinhos.

Pai Benedito estava certo. Ele acertou, além de tudo, ao fazer de sua filha espiritual a única herdeira de seus segredos e fundamentos, axés e assentamentos, os quais ela manteria sob seu poder e cuidado para o resto da vida.